



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Brincar e Motricidade na Infância: Contos Motores

Departamento de Educação, Desporto e Intervenção Social

Mestrado em Educação e Lazer

2022, Mauro André Janeiro Marques Chorro



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Mauro André Janeiro Marques Chorro

Brincar e Motricidade na Infância: Contos Motores

Dissertação de Mestrado em Educação e Lazer, apresentada ao Departamento de Educação, Desporto e Intervenção Social da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do Júri

Presidente: Prof. Doutor Ricardo Melo

Arguente: Prof. Doutora Amália Rebolo

Orientador: Prof. Doutor Rui Mendes

Co-orientador: Prof. Doutor Francisco Campos

Maio de 2022

Agradecimentos

Esta dissertação de Mestrado é resultado de um caminho concretizado com o auxílio de várias pessoas que me acompanharam desde o primeiro ao último minuto. A elas agradeço do fundo do meu coração, por todo o carinho e por todo o apoio que me transmitiram, sem elas não teria sido possível chegar tão longe.

Um agradecimento muito gratificante ao meu orientador, Professor Doutor Rui Manuel Sousa Mendes, pela sua paciência, por toda a sua atenção durante a escolha do tema, pelo seu elevado conhecimento científico que sempre demonstrou e que me ajudou a crescer muito como estudante e como pessoa. Por toda a ajuda, a elaborar o estudo na instituição, onde fui muito bem recebido.

Ao meu Co-orientador, Professor Doutor Francisco José Ascenso Campos, por todo o apoio e disponibilidade prestados em todas as etapas, desde a realização dos questionários, à sua presença em reuniões, até ao acompanhamento na instituição Pré-escolar, onde me auxiliou na contagem do “Conto”, nas questões elaboradas às crianças, em todo o trabalho no terreno, bem como por toda a motivação que me ajudou a evoluir diariamente.

A todos os docentes que me acompanharam nesta longa jornada, sem exceção, foram muito importantes e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal. Muito daquilo que hoje sou, o devo aos seus ensinamentos.

À minha mãe, Maria Isabel Janeiro Martins Leitão, que sempre me deu os melhores conselhos e por me encorajar naqueles momentos mais difíceis.

Ao meu pai, Artur Marques Chorro, que, mesmo doente, não deixou de me enviar a maior força do mundo, para que fosse possível terminar o presente trabalho, o meu muito obrigado, será sempre pouco para agradecer toda a ajuda monetária, que me disponibilizou durante este trajeto.

Às Educadoras da instituição Pré-escolar onde o estudo foi realizado, por toda a disponibilidade que demonstraram, pelo fornecimento de algum material muito útil

para contar os vários Contos às crianças e por toda ajuda que me prestaram desde o primeiro contacto.

Finamente, o meu enorme agradecimento a todas as crianças do Pré-escolar a quem tive o privilégio de “contar” os “Contos Motores”, pela sua envolvência na atividade, por todo o carinho e afectividade que demonstraram e pela forma prazerosa com que sempre se entregaram a todas as dinâmicas realizadas.

Brincar e motricidade na infância: Contos Motores

Resumo: O objetivo deste trabalho foi estudar o efeito da leitura de um conto na aquisição de conhecimentos sobre a história contada. O trabalho enquadra-se na temática do Conto Motor (CM) enquanto instrumento e aplicação pedagógica na educação de infância e suas conexões com a motricidade infantil e o desenvolvimento motor na infância. Na revisão da literatura identifica-mos as aplicações pedagógicas do CM, no âmbito da educação e, especificamente, na área da Educação Física na infância. Foram contados pelo experimentador dois CM, a um grupo de 17 crianças de $4\pm 2,3$ anos de idade de um jardim-de-infância público. Foi efetuada a cada criança uma entrevista individual sobre o CM, em três momentos distintos: 1) após o CM (aquisição); 2) no dia seguinte (retenção a um dia) e, 3) uma semana depois (retenção a sete dias uma semana). Cada entrevista abarcava 10 questões relativas aos conteúdos da própria história.

Os resultados obtidos mostraram que o nível de retenção de conhecimentos aumentou em relação ao primeiro dia em que as crianças ouviram o Conto. Importa no futuro implementar a avaliação do conhecimento da história lida, comparando a lecionação do conto com vivência motora, em aulas de Educação Física, face à sua leitura simples.

Palavras-chave: Conto Motor, jogo, brincar, infância, literacia motora, desenvolvimento motor.

Playing and motor skills in childhood: Motor Tales

Abstract: The objective of this work was to study the effect of reading a story on the acquisition of knowledge about the story told. The work fits into the theme of the Motor Tale (MT) as an instrument and pedagogical application in early childhood education and its connections with child motricity and motor development in childhood. In the literature review, we identified the pedagogical applications of MT in the context of education and specifically in the context of Physical Education in childhood. Two MT were counted by the experimenter, to a group of 13 children aged 4 ± 2.3 years from a public kindergarten. We conducted an individual interview with each child about the MT at three different times: 1) after the MT (acquisition), 2) on the following day (one-day retention) and 3) one week later (seven-day-a-week retention) . Each interview had 10 questions related to the contents of the story itself.

The results obtained showed that the level of knowledge retention increases in relation to the first day that the children heard the Tale. It is important in the future to implement the assessment of the knowledge of the story read, comparing the teaching of the story with motor experience, in Physical Education classes, compared to its simple reading.

Keywords: Motor Tale, game, play, childhood, motor literacy, motor development.

Sumário

AGRADECIMENTOS	I
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO II - ESTADO DA ARTE	5
2. CONTO MOTOR: CONCEITO E FUNDAMENTO	6
2.1. CONTO MOTOR: RECURSO DIDÁTICO MULTIFACETADO	7
2.2. ESTUDOS COM CONTOS MOTORES: INTERVENÇÃO E AVALIAÇÃO	8
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	11
3.1. PROCEDIMENTOS RELATIVOS À REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA	15
CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
CAPÍTULO V - CONCLUSÕES.....	20
7. REFERÊNCIAS.....	22
8. ANEXOS.....	27

Lista de figuras

FIGURA 1- NÍVEL DE CONHECIMENTOS DAS CRIANÇAS SOBRE O CONTO 1 NA AQUISIÇÃO, RETENÇÃO A 1 DIA E RETENÇÃO A 1 SEMANA	18
FIGURA 2- NÍVEL DE CONHECIMENTOS DAS CRIANÇAS SOBRE O CONTO 2 NA AQUISIÇÃO, RETENÇÃO A 1 DIA E RETENÇÃO A 1 SEMANA.	19

Lista de quadros

QUADRO 1 - SÍNTESE DE ESTUDOS COM CONTOS MOTORES.....	9
QUADRO 2- TREINO DE INTERAÇÃO VISUAL.....	13
QUADRO 3 - RETENÇÃO DE CONHECIMENTOS.....	15

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

O Conto Motor, vivido em conjunto, motiva as crianças a conhecerem histórias e personagens, criando bons hábitos de leitura através da procura de novos livros e, por inerência, novos “Contos” (Caveda, 2001; Omeñaca, 2011).

Utilizar um “Conto Motor” (CM) como estratégia de aprendizagem, incentiva a criança a efetuar um trabalho de cooperação com os restantes colegas. Deste modo, a realização de atividades em contexto escolar pode motivar a criança a participar de forma ativa, integrando-se, de livre e espontânea vontade, na dinâmica envolvente. Além disso, o domínio das emoções e sentimentos e estimulado pelas sensações do meio, ou seja, a maneira como a criança contata com o grupo, também pode influir no decorrer de determinadas ações desempenhadas (Caveda, 2001; Omeñaca, 2011).

No decorrer da leitura do Conto: *“O Cuquedo e os pequenos aprendizes do medo”* emergem momentos em que é necessário omitir sons de animais selvagens, em conjunto, e, neste caso, a atenção das crianças torna-se fundamental para dar vida a estas personagens. O respeito por elas e pelos colegas tende a ser essencial para criar uma dinâmica onde todos cooperem em torno de um objetivo comum, mormente no final da história. Esse final, regra geral, é “construído” com base no princípio da entreajuda, onde existe união e espírito de aventura e, à medida que se vão ultrapassando “obstáculos” da própria narrativa, o imaginar das crianças divaga para um novo patamar de transcendência (Caveda, 2001).

Por seu lado, é importante salientar que o narrador que vai contar um CM às crianças que o estão a ouvir, permite desenvolver um sentimento de afetividade, que se revela muito importante na socialização da criança. Logo, quando a criança se torna intérprete do Conto que está a vivenciar, integra um ambiente criado pelos colegas e assume a sua envolvência na peça, incorporando um papel ativo no decorrer da narração (Esteve, 1995; Martínez, 2007).

Todavia, o estado da arte indica que o ensino tradicional ainda é caracterizado por ser um ensino em que a criança “está sentada na cadeira em frente ao quadro para aprender”. Assim, hoje em dia, ao alterarmos esta forma de atuar na sala de aula, permitimos à criança uma maior liberdade de movimentos e aumentamos a sua capacidade de concentração (Caveda, 2001; Omeñaca, 2011).

Considerando esta breve introdução, o objetivo deste trabalho foi estudar o efeito da leitura de um conto na aquisição de conhecimentos sobre a história contada.

O presente estudo enquadra-se na temática do Conto Motor enquanto instrumento e aplicação pedagógica na educação de infância e suas conexões com a motricidade infantil e desenvolvimento motor na infância.

CAPÍTULO II - ESTADO DA ARTE

2. CONTO MOTOR: CONCEITO E FUNDAMENTO

O conceito de Conto Motor está associado à leitura de histórias infantis, com o propósito de incentivar as crianças a assumirem uma escuta ativa, a trabalhar o indutor – corpo através de movimentos repetidos, alusivos a animais, pessoas fictícias ou a personagens alegóricas que surjam no decorrer da acção. Assim, para “*quem conta um Conto*”, ir ao encontro do pensamento operativo da criança poder ser uma maneira diferente de ensinar e de educar, uma vez que elas vivem no mundo da fantasia e da imaginação. Deste modo, quando partilhamos os seus gostos e hábitos, conseguimos, eventualmente, captar a sua atenção para realizar atividades em grupo (Vigotsky, 2007). Os Contos Motores são interpretados através da leitura de histórias infantis. Normalmente, estas histórias têm uma influência direta com o jogo, onde as crianças partilham características e objetivos comuns a todo o grupo. Neste contexto, as crianças podem associar ao jogo o contexto de brincadeira, em sentido lato, sobretudo quando a criança interpreta um jogo a brincar, onde atribui significados e está focada numa determinada forma de brincar (Caveda, 2001).

Piaget (1990) indica que as crianças passam por quatro estágios emocionais e, é, supostamente, no estágio pré-operacional, entre os dois e os sete anos de idade, que o jogo e o simbolismo assumem um papel preponderante na construção do seu mundo imaginário e do relacionamento com os colegas. Desta forma, a criança incorpora as vivências simbólicas no seu dia-a-dia, interagindo com o mundo que a rodeia; exercitando também a memória e envolvência com o meio, através de representações simbólicas (Piaget, 1990).

Através da brincadeira, as crianças podem estabelecer, com mais facilidade, certa ligação com os restantes companheiros e com pessoas da sua esfera social (pessoas adultas que participam e cooperam em jogos ou dinâmicas propostas pelo grupo). Tendencialmente podem partilhar os mesmos gostos, hábitos e princípios que proporcionem um momento de descanso, divertimento e desenvolvimento individual, onde assenta o princípio dos *3 D de Dumazedier*. Segundo este autor, o Lazer é o conjunto de ocupações nas quais o “indivíduo” pode entregar-se de livre vontade, seja

para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua informação, ou formação desinteressada. Além disso, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora, após “livra-se” ou “desembaraçar-se” das obrigações profissionais, familiares ou sociais, tende a ser igualmente relevante (Dumazedier, 2004, p.34).

Face ao exposto, durante a leitura do Conto, tende a ser fundamental “exagerar” um bocadinho o tom de brincadeira, para que se “fuja” um pouco da realidade e se dê asas à imaginação da criança. Desta forma, “ela” vai interpretar cada representação de uma personagem da forma como a conhece, como a “vê” dentro de “si” (Caveda, 2001). Por exemplo, durante o Conto “O Ganso Gastão” as crianças têm a oportunidade de imitar o rugido do Leão enfurecido, recorrendo a ludicidade, ao faz de conta, que é uma maneira que as crianças têm de interpretar aquilo que vêem e de certa forma - fazer igual -. A ludicidade é um conceito originário do jogo e do faz de conta, onde se contempla a recreação do corpo através do exercício, estimulando a mente de uma forma prazerosa segundo o Kishimoto (2014).

Em suma, a criança tende a gostar de ouvir o mesmo Conto várias vezes, porque, à medida que o ouve, vai atribuindo, regra geral, um significado diferente. Quando a criança vai crescendo, guarda certa nostalgia pelo que ouviu, desenvolvendo a sua capacidade de ver a “história” de uma forma diferente, reflectindo sobre o que lhe foi transmitido e, mais tarde, representado o que vai trazer boas recordações no futuro, sobretudo se foi contado e vivido de uma forma agradável (Estés, 2005).

2.1. Conto Motor: Recurso didáctico multifacetado

A utilização de um Conto Motor em contexto de sala de aula ajuda o grupo a manter os índices de concentração, mantendo o seu corpo ativo. No livro “Vamos à caça do Urso”, existem diversas ações que eram deixadas para chegarmos à Caverna, onde está escondido o Urso. Este aspeto é importante para estimular o espírito de aventura das crianças e o seu entusiasmo até chegar à última etapa do conto e “encontrar o Urso” (Botelho, 2010).

Cada Conto Motor terá um impacto e uma carga emocional diferente. Por exemplo, o simbolismo que cada criança atribui a uma determinada história que ouve, varia de acordo com o seu grau de importância. Assim, quando existe envolvimento numa dinâmica em que todos estejam empenhados a dar o seu melhor contributo em prol de um objetivo que é comum, torna-se mais fácil arranjar essa motivação para transmitir valores como a solidariedade, fomentar o espírito de ajuda e superação para ultrapassar determinados obstáculos em grupo (Caveda, 2001).

“Quem conta um Conto, acrescenta um ponto”. Neste seguimento, quando se ouve um Conto, as crianças despertam o seu fascínio pelo desfecho da ação; desenvolvem o seu espírito de aventura e encorajam o colega para que o final da história, seja um final feliz, onde haja compaixão, onde tudo seja positivo e exista alegria, amor, carinho e afetividade, mas também menos prazeroso (Estés, 2005).

A título de reflexão, a aplicabilidade do Conto Motor tende a favorecer o desenvolvimento integral da criança que está presente no seu sentido crítico, pois a criança tem de questionar o que vê; não aceitar tudo de livre e espontânea vontade, mas ir à origem dos acontecimentos e fazer questões sobre o que não compreende, de modo a procurar entender as coisas de uma maneira óbvia, sucinta e esclarecedora. Estrategicamente, ela procura essas respostas junto de pessoas mais velhas, com mais experiência de vida, como por exemplo, pais ou avós, ou outros familiares com quem tenha mais proximidade (Caveda, 2001).

2.2. Estudos com Contos Motores: intervenção e avaliação

Sintetizamos, no Quadro 1, os estudos publicados desde 2010, que usaram Contos Motores e avaliaram variáveis de motricidade infantil. Deste modo, podemos analisar alguns dos trabalhos levados a cabo por autores como Haapala (2017), Lubans (2010), Herman (2015) e Cunningham, Duncan & Eyre (2019).

Quadro 1 - Síntese de estudos com Contos Motores.

Autor	Objetivo	Amostra	Metodologia	Conclusões
Haapala (2017)	Comparar os indicadores de atividade física com o tempo sedentário de crianças de uma escola na Finlândia, tem durante o seu dia. Medidos através dos seus hábitos de leitura e de desenho livre.	89 meninos e 69 meninas dos 6 aos 8 anos.	A turma foi avaliada através de um questionário preenchido pelos pais, incluindo 37 perguntas relacionadas com saúde e bem-estar dos filhos. Os seus índices de atividade física foram registados através da sua frequência cardíaca e do cálculo da gordura corporal.	Foram registados níveis mais baixos de atividade física e níveis mais altos de sedentarismo em rapazes com poucos hábitos de leitura. Nas raparigas, o alto nível de sedentarismo está relacionado com melhores habilidades de matemática.
Lubans (2010)	Visualização de um conto, facilitando a capacidade de coordenação.	Crianças e Adolescentes dos 3 aos 18 anos	Recontar uma história narrativa com o auxílio de um pequeno vídeo animado, facilitando a linguagem e as ilustrações do livro.	Criação de um vídeo animado para ajudar as crianças a recontar história narrada.
Herman (2015)	O desempenho de um grupo de crianças que ouve uma história e a interioriza revela-se maior do que aquele grupo que apenas lê. O Storytelling consiste em apresentar uma história sem a presença de um livro ilustrado.	13 crianças do ensino primário.	Através de observações informais foi possível entender diferentes pontos de vista. Seleccionaram duas crianças ao acaso de duas turmas diferentes e foi perceptível ver duas perspetivas distintas.	Perceber o efeito que as histórias contadas podem ter em alunos do pré-escolar. A capacidade de os alunos recordar fatos que ouviram. Comprovar se a interpretação que o aluno faz vai de encontro com a história que lhe foi contada.
Cunningham, Duncan, & Eyre, (2019)	Este estudo serviu para comprovar que os benefícios da atividade física aliado aos bons hábitos de leitura podem contribuir para o combate do sedentarismo e estimular o seu rendimento escolar.	74 crianças (39 rapazes e 35 meninas) dos 3 aos 4 anos	Foi usado o método de análise de Cluster, consistindo em escolher três turmas do Pré-escolar para a leitura de um Conto Motor, com recurso a movimentos combinados ou simplesmente leitura da obra.	A competência motora e a habilidade de linguagem foram avaliadas antes, durante e oito semanas depois da intervenção.

Os resultados dos estudos indicaram que o rendimento escolar, os hábitos de vida saudáveis e o desenvolvimento do domínio motor tendem a ser relevantes para a criança. Todavia, só recentemente, através de alguns dados recolhidos em trabalhos como o de Haapala, realizado com grupos de crianças, foi possível observar a pouca ligação existente entre o movimento e a linguagem, sendo que os estudos anteriores estavam mais direcionados para o desenvolvimento do domínio motor, onde o aumento do jogo ativo tende a levar a uma auto regulação no âmbito do rendimento escolar (Becker, 2014).

No Norte de Inglaterra, foram escolhidas três turmas do ensino pré-escolar para a leitura de um CM, utilizando movimentos combinados. Com a elaboração deste estudo foi possível constatar que os benefícios da atividade física, em conjunto com os bons hábitos de leitura, podiam contribuir para o combate ao sedentarismo, proporcionando bem-estar físico e mental, que seria aproveitado com um alto rendimento ao nível escolar. Em suma, uma boa combinação de estímulos que permite um maior domínio sensorial e motor, ideal para ser aplicado em crianças que frequentavam o ensino pré-escolar (Cunningham, Duncan & Eyre, 2019).

Podemos concluir então que a prática de atividade física em instituições pré-escolares pode constituir uma mais-valia nos hábitos de vida das crianças. Esta prática pode ser uma boa forma de sensibilização para a luta contra doenças como a obesidade infantil, que afeta grande parte da população jovem, combatendo o sedentarismo com práticas regulares que envolvam, também, para este fim, a utilização dos Contos Motores.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

3.1. Amostra

No estudo do Conto experimental, participaram 10 crianças de $1\pm 8,6$ anos de idade (4 do género masculino e 6 do género feminino) de um jardim-de-infância público (Anexo III).

No estudo dos Contos 1 e 2, participaram 17 crianças de $4\pm 2,3$ anos de idade (9 do género masculino e 8 do género feminino) de um jardim-de-infância público (Anexo IV).

Os participantes foram seleccionados por conveniência, numa instituição pré-escolar pública, no concelho de Coimbra.

A participação das crianças foi assegurada no âmbito de um protocolo de cooperação entre as instituições IPC-ESE e o Agrupamento de escolas ao qual a Escola Pré-escolar está associada. Foi respeitada a Declaração de Helsínquia e o regulamento do IPC, para efeitos de recolha de dados e RGPD.

3.2. Seleção do Conto experimental

No âmbito dos procedimentos relacionados com a seleção do CM experimental, foram adotados os seguintes:

1. Foram identificados, a partir de livros, dois contos “Vamos à caça do Urso” (Michael Rosen, 2007) e “O Ganso Gastão” (Petr Horaceck, 2009), com a colaboração de duas Educadoras de Infância da instituição onde o trabalho experimental se realizou e, de dois Especialistas que lecionavam em cursos de formação de Educadoras de Infância e formaram Professores e Educadoras de Infância na área da actividade motora.
2. Depois da apreciação dos Contos por parte desta equipa de peritos, foi identificado o Conto experimental, que foi seleccionado, neste caso: “Vamos à caça do Urso” (Michael Rosen, 2007).

3. O mesmo procedimento foi aplicado para a selecção do Conto Motor 1 “O Cuquedo e os pequenos aprendizes do medo” (Clara Cunha, 2019) e do Conto Motor 2 “O Ganso Gastão” (Petr Horaceck, 2009).
4. Depois de seleccionado os Contos, quando foi passado para texto, foram indexadas ao longo do mesmo as tarefas motoras representativas de atividades motoras que podiam ser pedidas às crianças para serem realizadas numa sessão prática de motricidade infantil, sendo listado um conjunto de dez questões para cada um dos Contos.
5. Feito este trabalho para cada um dos Contos, sendo alvo de revisão por parte dos dois Especialistas.
6. Depois desta fase, foi alvo de revisão por parte das Educadoras.
7. Depois de revisto, foi aprovado o guião final do Conto.

3.3. Treino do experimentador

O experimentador treinou o Conto experimental, seguindo os seguintes procedimentos:

1. Leitura do Conto de forma individual, sem audiência.
2. Leitura do Conto frente a um espelho, registando o tempo que demorava a contar o Conto e o número de vezes em que fixava o espelho, assumindo-se que o espelho era a audiência.

Este procedimento teve como objetivo aumentar o número de interações visuais com a audiência (com as crianças).

Quadro 2- Treino de interação visual do experimentador

Tempo a contar o Conto por dia de treino	Numero de visualizações no espelho
Dia 1 – 12	13 (1,08 fixações por minuto)
Dia 2 – 15	26 (1,70 fixações por minuto)

Passada esta fase, o processo de treino do Conto experimental manteve-se da seguinte forma:

1. Contado inicialmente aos dois especialistas.
2. Contado, depois, aos Especialistas e às Educadoras, em simultâneo, sendo depois recolhidos e alterados comportamentos de interação visual, de expressão oral e de expressão corporal e de movimento no contexto do Conto.

Após o processo de treino, foi realizada a sessão, no caso do Conto experimental, onde foi lido o Conto e entrevistadas duas crianças com a supervisão dos professores do ensino superior.

O Conto experimental apresentava ainda dados, como se fossem prévios, devido à sua fase experimental. Nos Contos 1 e 2, o processo de entrevista foi feito diretamente às crianças.

Sintetizamos no Quadro 2, a estratégia adotada para apurar a retenção de conhecimentos das crianças em relação ao Conto lido. Podemos observar que foi realizada uma entrevista após a primeira vez em que ouviram o Conto, i.e., passadas 24 horas e uma semana depois (Becker, 2014).

Quadro 3 - Retenção de conhecimentos.

Conto	Aquisição	Retenção a 1 dia	Retenção a 1 semana
Conto Experimental (Estudo prévio) "Vamos à caça do Urso" (Michael Rosen, 2007)	Dia 1 Leitura do Conto e entrevista imediata	Dia 2 Entrevista a 24 horas	Dia 3 Entrevista a uma semana
Conto 1 (estudo principal) "O cuquedo e os pequenos aprendizes do medo" (Clara Cunha, 2019)			
Conto 2 (estudo principal) "Ganso gastão" (Petr Horaceck, 2009)			

3.4. Entrevista

Foi utilizada a entrevista para verificar o nível de retenção da história ao longo do tempo.

As perguntas foram colocadas de forma aberta, não existindo categorias estabelecidas, a criança entrevistada pode responder de maneira espontânea.

3.1. PROCEDIMENTOS RELATIVOS À REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Para a realização desta entrevista, foi necessário usufruir de um contato inicial integrado num clima agradável.

A formulação das questões seguiu o guião elaborado, deixando a criança responder à vontade, uma pergunta de cada vez.

Registámos sempre as respostas e anotámos o que foi dito.

Neste contexto, tivemos em conta os seguintes princípios:

1. Formulação de perguntas simples, fácil entendimento, de maneira concreta.
2. Tivemos em consideração o grau de conhecimento das crianças em relação ao que foi perguntado.
3. Evitámos palavras que fossem difíceis de interpretar.
4. Evitámos perguntas que fossem sugestivas ou indiretas.

Terminada a entrevista, mantivemos um ambiente de harmonia, dando “aprovação” à criança por parte do entrevistador.

CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados recolhidos na instituição Pré-escolar, junto das crianças que ouviram o Conto 1 e 2, elaborámos uma base de dados em formato Excel (Anexo IV), que permitiu reunir informação referente ao seu nível de retenção de conhecimentos, através de dois gráficos de colunas (Figuras 1 e 2).

Na Figura 1, é possível observar que após a leitura do Conto 1 (“ O Cuquedo e os pequenos aprendizes do medo”) as crianças demonstram uma taxa de retenção de conhecimentos no valor de 11,1 %. O nível subiu um dia depois para 11,9 % e passados 7 dias voltou a subir até 13,1 %.

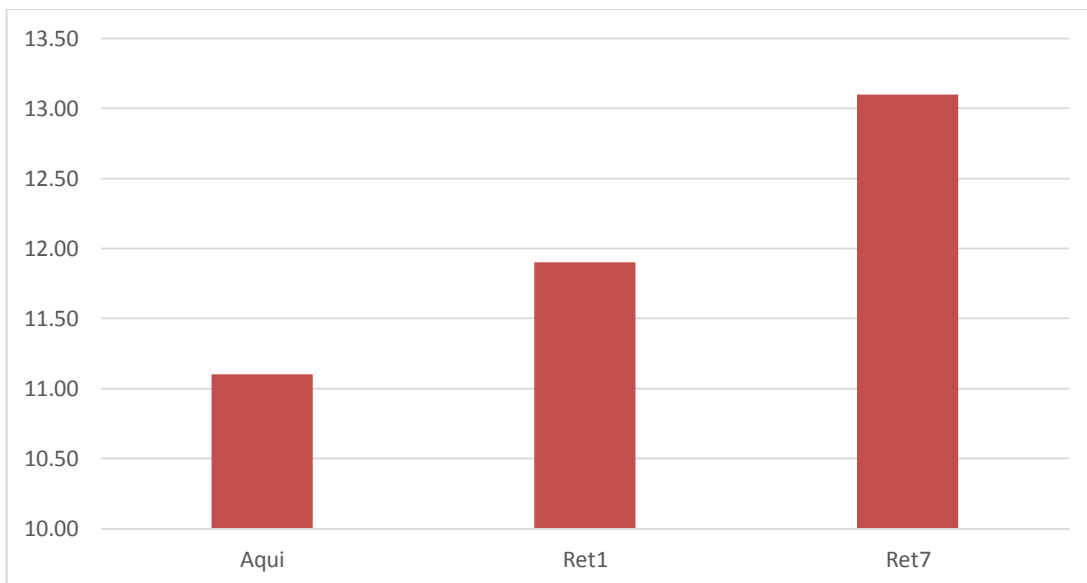


Figura 1. Nível de conhecimento das crianças sobre o conto 1 na aquisição, retenção a 1 dia e retenção a uma semana.

Houve um aumento de 0,8 %, registado entre o intervalo de tempo em que foi lido o Conto até ao dia seguinte, onde volvidos 7 dias sobe mais 1,2 %.

No total, foi registada uma subida de 2 %. As crianças aumentaram o seu nível de conhecimentos com o passar dos 7 dias.

Os resultados indicaram que as crianças quando ouviram o Conto 2 (“O Ganso Gastão”), pela primeira vez, obtiveram uma taxa de retenção no valor de 13,9 % (Figura 2). No dia seguinte, o nível de retenção subiu para 14,2 % e, passados 7 dias, aumenta novamente para 15,3 %.

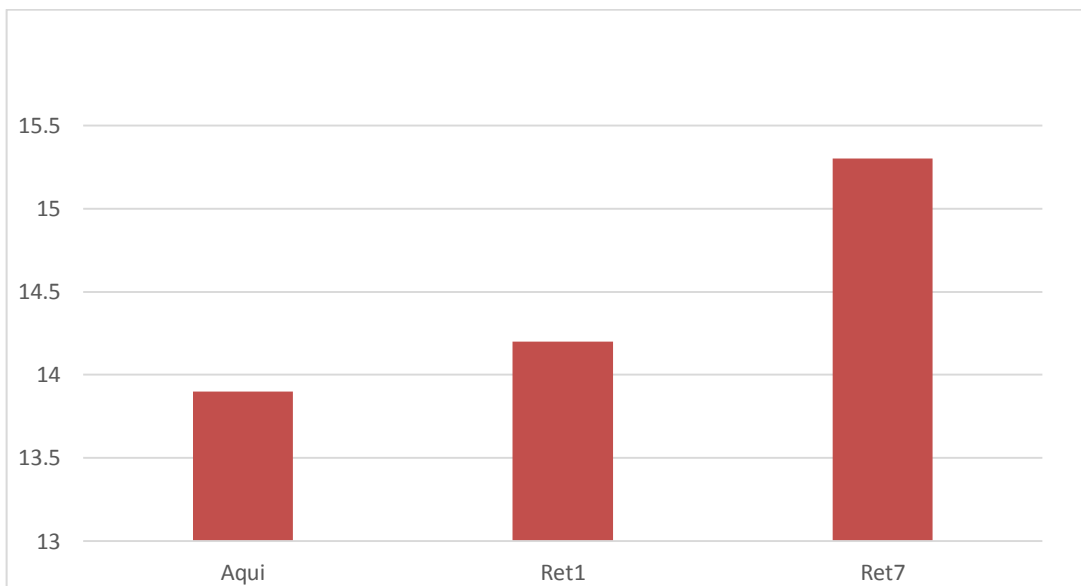


Figura 2. Nível de conhecimento das crianças sobre o conto 2 na aquisição, retenção a 1 dia e retenção a uma semana.

Do dia inicial, para o dia seguinte, aumentou 0,3 %, do conhecimento retido, na primeira leitura do Conto. Uma semana depois ao valor registado, este acresce mais 1,1 %.

Contudo, desde o dia em que o grupo ouviu o Conto pela primeira vez até à semana seguinte, registou-se um aumento do nível de retenção de conhecimentos no valor de 1,4 %.

Como podemos verificar, foi registado um aumento do nível de conhecimentos menor que no Conto 1, uma vez que as crianças do Conto 1 para o Conto 2 registam uma descida de conhecimentos no valor de 0,6 %.

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES

Os resultados permitem concluir que, com o passar dos dias, o nível de retenção de conhecimentos foi subindo em função do conjunto de informações obtidas na primeira vez em que as crianças ouviram o Conto.

Não existe uma explicação plausível para este resultado, visto ser expetável níveis de desempenho mais baixos na retenção a uma semana, face à retenção a um dia e à aquisição nos dois Contos.

Considerando que o estado da arte indica que o ensino tradicional ainda é caracterizado por ser um ensino em que a criança “está sentada na cadeira em frente ao quadro para aprender”, importa no futuro implementar a avaliação do conhecimento da história lida, comparando a leção do Conto com vivência motora, em aulas de Educação Física, face à sua leitura simples.

Este estudo tem como forte limitação a amostra reduzida e o facto de os períodos de retenção de conhecimento poderem influir nos resultados obtidos, pois cada criança tende a interiorizar cada Conto de diferentes formas. Uma técnica que pode ser útil para mitigar este problema é a utilização de técnicas de *focus groups* / “grupos focais”.

7. REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (1994). *Literatura infantil: gostos e brincadeiras*. São Paulo: Scipione
- Arteaga, M., Viciano, V. & Conde, J. (1999). *Desarrollo del lenguaje corporal. Manejo global del contenido de la representación*. Barcelona: inde.
- Arteaga, M., Zagalaz, M. & Cepero, M. (1999). *El narrador como propuesta interdisciplinaria para la escuela primaria*. Educación Física y Deporte, 58, 36-40
- Becker, D., McClelland, M. & Loprizi, P. (2014). *Physical activity, self-regulation and early academic performance in preschoolers*. Early Childhood Education and Development, 25 (1) 56 - 70
- Botelho, R. (2010) *Educación Física y literatura infantil: posibilidades de utilización en el ámbito escolar*. 2010a. 692 f. Tesis (Doctorado en Educación Física y Deporte: didáctica y desarrollo profesional) – Departamento de Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal, Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Autónoma de Barcelona, España, 2010a.
- Castarlenas, J. & Carratalá, V. (2002). *El contacto corporal en la educación física básica*. en Castarlenas, J. & Molina, P. (Coords.) *El Judo en la Educación Física Escolar*. Unidades didácticas (pp. 45-64) Barcelona: Hispana Europea.
- Cáceres, M. (2010). *La expresión corporal, el gesto y el movimiento en la edad infantil*. Revista digital para profesionales de la enseñanza CC.OO. de Andalucía
- Colado, S. & Moreno, M. (2005). *Actividad física saludable en el medio acuático para niños*. en Casimiro, J., Magro, D. & Águilla, C. (ed.) *Actividad física, educación y salud* (pp. 477-515) Almería: Universidade de Almería.
- Cunningham, A., Duncan, M. & Eyre, E. (2019). *A combined movement and storytelling intervention increases motor competence and language ability in preschoolers to a greater extent than movement or storytelling alone*. European Review of Physical Education, 25, pp. 221–235 DOI: 10.1177/1356336X17715772
- Caveda C. (2001). *Cuentos motores*. (2ª edición) Barcelona: Paidotribo.
- Caveda C. & Viciano, V. (1998). *El cuento motor: un instrumento educativo para la globalización de los contenidos del currículum de educación infantil*. Aula de innovación educativa, 76, 49-52
- Chizzotti, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios*. Revista portuguesa de educação, vol 16, n.02, p. 221-236, 2003. Disponível em: Acesso em 28 de agosto de 2016
- Cunha, C. (2019) *O Cuquedo e os pequenos aprendizes do medo*. Ilustrador: Paulo Galindo. Livros Horizonte.

- Demartini, F. - *Trabalho com relatos orais: Reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa*. Julho 2005
- Esteve, J. M.; Franco, S. & Vera, J. (1995). *Los profesores ante el cambio social*. Barcelona, Antropos.
- Estés, J. (2005) “*Los cuentos motores como herramienta pedagógica para la Educación Infantil y Primaria.*” *Icono 14: Revista de comunicación y nuevas tecnologías*, 10, 1-15.
- Fernández, R., Y Giménez, M. (2013). *Articulando conocimiento teórico y práctica educativa. Una investigación longitudinal sobre los efectos del material autoconstruido en futuros docentes*. *Revista infância y aprendizaje* , 36 (1), 61-75
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas no processo de investigação*. Porto: lusididata;
- Gallego, D. (2010). *Posibilidades metodológicas del cuento motor en educación infantil y primaria: aproximación teórica*. *Autodidacta*, 5, 62-69
- Giménez, M., López, G. & Sierra, B. (2009). *Destrezas básicas: sobre la exclusión de la motricidad y aportes de la educación física*. *Desafíos. Nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*. 16, 51-57
- Herman, K. (2015). *Combined physical activity/sedentary behaviour associations with indices of adiposity in 8-10 year old children*. *Journal of physical activity and health* (2015) 12(1): 20–29
- Han, S. & Bhattacharya, K. (2001). *Constructionism, learning by design, and project-based learning*. En m. Orey (ed.). *Emerging perspectives on learning, teaching, and technology*.
- Haapala, V. (2017). *Physical activity and sedentary time in relation to academic achievement in children*. *Journal of science and medicine in sport* 20(6): 583–589
- Horacek, P. (2009) *O Ganso Gastão*. Editorial Caminho.
- Kafai, Y. & Resnick, M. (eds.). (1996). *Constructionism in practice: designing, thinking and learning in a digital world*. Sevilha, Wanceulen
- Kishimoto, M. *Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil*. Scielo, 2014.
- Jaakkola, T. , Hillman, C. & Kalaja, S. (2015) *The associations among fundamental movement skills, self-reported physical activity and academic performance during junior high school in Finland*. *Journal of sports science* 33 (16): 1719 - 1729
- Lubans, M. (2010). *Fundamental movement skills in children and adolescents: review of associated health benefits*. *Sports. Medicine* 40: 1019 - 1035

- Luque, P. (2008). *Animação para a palestra a partir da área de educação física (os motores)*. Palestras: educação física e desporto, revista digital, 13
- Martínez , C. (2007) *Cuentos motores*, Sevilla, Wanceulen
- Martínez, P. & Moreno, R. (2011). *Cuentos motores acuáticos. El modelo fantástico*. Barcelona: inde
- Mayo, J. (2009). *Constructivist pedagogical applications: student-centered learning across the undergraduate curriculum*.
- Madrona, G., Contreras ,J. & Barreto, I. (2008). *Habilidades motrices en la infancia y su desarrollo desde una educación física animada*. Revista iberoamericana de educación, (pp. 71-96) 47
- Michael, R. (2007) *Vamos à caça do Urso*. Ilustração: Helen Oxenbury. Editorial Caminho.
- Muñoz, E. (2011). *Planifica tus actividades acuáticas con el modelo narrativo lúdico. Programación y propuesta metodológica para la natación infantil basada en los cuentos motores acuáticos*. Sevilla: Wanceulen.
- Omeñaca, R. (2008). *El cuento motor cooperativo como alternativa para la educación física. En actas del vi congreso internacional de actividades físicas cooperativas. Por un desarrollo sostenible y una educación integral* (pp.1-16) Ávila: la peonza.
- Omeñaca, R. (2009). *Ljsalfar y los niños del viento*. Libro del professor: Cuentos Motores Cooperativos para educación primaria, segundo ciclo. Barcelona: inde.
- Omeñaca, R. (2011). *El cuento motor en educación infantil y en la educación física escolar*. Sevilla: wanceulen.
- Papert, S. (1996). *A word for learning*. En y. Kafai y m. Resnick (eds.) *Constructionism in practice: designing, thinking and learning in a digital world* (pp. 2-24). Mahwah, nj: Lawrence Erlbaum.
- Papert, S. & Harel, L. (1991). *Constructionism. Chapter 1: situating constructionism*. Nueva York: ablex publishing corporation
- Perkins, D. (1999). *The many faces of constructivism*. Educational leadership, 57 (3), 6-11
- Piaget, J. (1969). *Science of education and the psychology of the child*. Nueva york: viking
- Ramos, F. & Omeñaca, R. (2011). *La educación física en centros bilingües de primaria inglés-español: de las singularidades propias del área a la elaboración de propuestas didácticas prácticas con aible, resla*, 153- 170

- Rodari, G. (1995). *Gramática de la fantasía*. Barcelona: ed. Del bronco. Rivas Martínez, e. Y terroba valdemoros, j. (2010). *Desarrollo de la competencia básica "comunicación lingüística" a través del cuento motor y el cuaderno del alumno en la asignatura de educación física*. Contextos educativos,13, 155-174
- Santos, S. *O lúdico na educação infantil*. Scielo, 2012
- Sainz, B. & Pagaz, V. (2003). *El cuento motor y el yoga en la enseñanza primaria. Posibilidad de una experiencia interdisciplinar desde la educación física*. Apunts. Educación física y deportes 72, 35-40
- Schmitt, S., McClelland, M. & Tominey, S. (2015) *Strengthening school readiness for head start children: evaluation of a self-regulation intervention*. Early childhood research quarterly, 20 - 31
- Serrabona, J. (2008). *Los cuentos vivenciados: imaginación y movimiento*. Revista interuniversitaria de formación de profesorado , 22 (2), 61-78
- Sousa, A. (2009) - *Investigação em educação*. 2ª ed. Lisboa: livros horizonte
- Vargas, V. & Sánchez, C. (2006). *El cuento motor y su incidencia en la educación por el movimiento*. Pensamiento educativo, 38, 108-124
- Villegas, F. & López, G. (2010). *El cuento motor como recurso para el desarrollo del currículo en el área de educación física*. Reading teacher, 54 (3), 298- 299
- Zagalaz, L. (2001). *Corrientes y tendencias de la educación física*. Barcelona: inde.
- Zagalaz, M. & Cachón, J. (2010). *Creatividad y metodología activa didáctica de un cuento motor*. Zapatonos. Trances, revista de transmisión del conocimiento educativo y de la salud, 2 (4), 345-358

8. ANEXOS

Anexo I- Guião de entrevista Conto experimental “ Vamos à caça do urso ”

Conto “ Vamos à caça do urso ”		
História verbalizada pelo professor	Ações motoras subjacentes, realizadas pelos alunos	Questões a colocar no final do Conto
<p>Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes. Que belo dia! Não temos medo. Uh-uh! Erva! Erv alta¹ e ondulante¹. Não podemos passar ¹ por cima ¹ . Não podemos passar¹ por baixo¹. Oh, não! Temos de a atravessar¹. Reste...restolha!¹ Reste...restolha!¹ Reste...restolha!¹</p> <p>Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes. Que belo dia! Não temos medo. Uh-uh! Um rio! Um rio fundo² e frio². Não podemos passar² por cima². Não podemos passar² por baixo². Oh, não! Temos de a atravessar². Chape...chapinha!² Chape...chapinha!² Chape...chapinha!²</p> <p>Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes. Que belo dia! Não temos medo. Uh-uh! Lama! Lama grossa³ e pagajosa³. Não podemos passar³ por cima³. Não podemos passar³ por baixo³. Oh, não! Temos de a atravessar³. Pate...patinha!³ Pate...patinha!³ Pate...patinha!³</p> <p>Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes. Que belo dia! Não temos medo. Uh-uh! Uma floresta! Uma floresta grande ⁴e escura⁴. Não podemos passar⁴ por cima⁴. Não podemos passar⁴ por baixo⁴. Oh, não! Temos de a atravessar⁴. Trope...tropeça!⁴ Trope...tropeça!⁴ Trope...tropeça!⁴</p> <p>Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes. Que belo dia! Não temos medo. Uh-uh! Um nevão! Um nevão que gira⁵ e rodopia⁵. Não podemos passar⁵ por cima⁵. Não podemos passar⁵ por baixo⁵.</p>	<p>¹Andar devagar Andar lento, de forma a simular o atravessar o caminho entre as ervas.</p> <p>²Frio, chapinhar Fazer o movimento fingindo estar com frio e chapinhar os pés, para dar a entender que estamos a travessar o rio com água pelos pés.</p> <p>³Deslocamento lento Deslocamento muito lento, passando com pé ao lado do outro, devagar como se estivéssemos a atravessar um caminho com lama.</p> <p>⁴Tropeçar Simular o tamanho da floresta grande e fingir não ver nada, usando a palma da mão á frente da testa. Tropeçar para imitar o caminho íngreme.</p> <p>⁵Girar Girar o tronco para a esquerda e usar a palma da mão para simular não avistar ninguém pelo nevoeiro.</p> <p>⁶Andar lento Andar devagar, deslocando o tronco o mínimo possível de forma a dar a sensação de que estamos a contornar obstáculos.</p> <p>⁷ Mexer nas orelhas e com as mãos fazer um movimento macio junto deles para simular as orelhas felpudas. Fixar o olhar.</p> <p>⁸Andar depressa Andar apressado.</p>	<p>Q1: Qual era o tamanho do Urso que a família queria caçar? R: Grande.</p> <p>Q2: Como é que a Erva era? R: Alta ou Ondulante.</p> <p>Q3: Se não podem passar por cima nem por baixo o que decidem fazer? R: Atravessar.</p> <p>Q4: Como é que era o Rio que tinham de atravessar? R: Frio ou Fundo.</p> <p>Q5: Como andavam na Lama? R: Patinhar.</p> <p>Q6: O que sentiram quando atravessaram a Neve? R: Frio.</p> <p>Q7: Como é que eram as orelhas do Urso que encontraram na Caverna? R: Grandes.</p> <p>Q8: Como andavam na Caverna? R: Pé-ante-pé.</p> <p>Q9: Quando foram para baixo da escada, em casa, o que se esqueceram de fazer? R: Fechar a porta.</p> <p>Q10: Depois de entrarem no quarto e se esconderem na cama, o que eles não voltariam a fazer? R: Ir caçar o Urso.</p>

<p>Oh, não! Temos de o atravessar⁵. Uuuu!uuuuu!⁵ Uuuu!uuuuu!⁵ Uuuu!uuuuu!⁵</p> <p>Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes. Que belo dia! Não temos medo. Uh-uh! Uma caverna! Uma caverna estreita⁶ e soturna⁶. Não podemos passar⁶ por cima⁶. Não podemos passar⁶ por baixo⁶. Oh, não! Temos de a atravessar⁶. Pé-ante-pé!⁶ Pé-ante-pé!⁶ Pé-ante-pé!⁶</p> <p>O que é aquilo? Um nariz molhado e brilhante! Duas grandes⁷ orelhas felpudas⁷! Dois grandes⁷ olhos arregalados⁷! É um urso!</p> <p>Depressa!⁸ Atravessamos a caverna!⁶ Pé-ante-pé!⁶ Pé-ante-pé!⁶ Pé-ante-pé!⁶</p> <p>Atravessamos o nevão!⁵ Uuuu!uuuuu!⁵ Uuuu!uuuuu!⁵ Uuuu!uuuuu!⁵</p> <p>Atravessamos a floresta!⁴ Trope...tropeça!⁴Trope...tropeça!⁴ Trope...tropeça!⁴</p> <p>Atravessamos a lama!³ Pate...patinha!³Pate...patinha!³ Pate...patinha!³</p> <p>Atravessamos o rio!² Chape...chapinha!² Chape...chapinha!² Chape...chapinha!²</p> <p>Atravessamos a erva!¹ Reste...restolha!¹ Reste...restolha!¹ Reste...restolha!¹</p> <p>Chegamos à porta de casa. Abrimos⁹ a porta.⁹ Subimos⁹ as escadas.⁹ Oh, não! Esquecemo-nos de fechar⁹ a porta.⁹ Voltamos para baixo⁹. Fechamos a porta⁹.</p> <p>Voltamos para cima¹⁰. Para dentro do quarto.¹⁰ Para dentro da cama¹⁰. Debaixo das roupas.¹⁰ Não voltamos a ir à caça do urso.</p>	<p>⁹Subir Com a mão direita simular abrir o puxador de uma porta. Fazer o movimento fingindo estar a subir um degrau de uma escada. Encostar a porta com mão.</p> <p>¹⁰Andar para cima Andar para cima e com as mãos simular estar dentro da cama a abrir os lençóis para se agasalhar do frio.</p>	
---	---	--

Anexo II - Questionário aplicado na leitura do Conto experimental

Questões	Criança 1	Criança 2
Q1: Qual era o tamanho do Urso que a família queria caçar? R: Grande.	✓	✓
Q2: Como é que a Erva era? R: Alta ou Ondulante.	Grande ✓	×
Q3: Se não podem passar por cima nem por baixo o que decidem fazer? R: Atravessar.	×	✓
Q4: Como é que era o Rio que tinha de atravessar? R: Frio ou Fundo.	×	×
Q5: Como andavam na Lama? R: Patinhar.	×	×
Q6: O que sentiram quando atravessaram a Neve? R: Frio.	✓	✓
Q7: Como é que eram as orelhas do Urso que encontraram na Caverna? R: Grandes.	Redondas ×	Peludas ×
Q8: Como andavam na Caverna? R: Pé-ante-pé.	Devagar ✓	×
Q9: Quando foram para baixo da escada, o que se esqueceram de fazer? R: Fechar a porta.	✓	✓
Q10: Depois de entrarem no quarto, o que não voltavam a fazer? R: Ir caçar o Urso.	✓	✓

Anexo III - Questionário aplicado na leitura do Conto experimental

Questão	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5	Criança 6	Criança 7	Criança 8	Criança 9
Q1	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Q2	✓	Relva x	Floresta x	✓	-	Relva x	Relva x	✓	-
Q3	✓	✓	-	Meio x	✓	✓	✓	Nadar x	✓
Q4	✓	Chapinha x	✓	Patinha x	Chapinha x	-	✓	✓	✓
Q5	✓	Rio x	Água x	✓	Erva x	✓	✓	-	Água x
Q6	-	Frio x	-	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Q7	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	✓	Patinha x
Q8	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Q9	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Q10	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Questões colocadas no fim do conto	Respostas corretas
Q1: De que tamanho era o urso que a família queria caçar?	Grande.
Q2: Fazíamos Reste-restolha para nos desviar de quê?	Erva.
Q3: Não podemos passar por cima nem por baixo, o que fazemos?	Atravessar.
Q4: O que sentimos quando atravessamos o Rio?	Frio.
Q5: Onde faziam o Pate-patinha?	Na Lama.
Q6: Que som fazia o vento na Neve?	Uhuhuh!
Q7: Na Floresta não conseguiam ver nada, como era a Floresta?	Escura.
Q8: O que era aquilo que estava na cama?	Urso.
Q9: Quando foram para baixo da escada, o que se esqueceram de fazer?	Fechar a porta.
Q10: Depois de entrarem no quarto, o que eles não voltariam a fazer?	Ir à caça do urso.

Anexo IV - Base de dados**Conto 1 – “O Cuquedo e os pequenos aprendizes do medo”**

ID	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	Total	SD
Q1 Aqui	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	16	0,9411765
Q1 Ret 1	1	1	1	1	1									1	1			7	0,4117647
Q1 Ret 7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			15	0,8823529
Q2 Aqui	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		16	0,9411765
Q2 Ret 1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1		1	15	0,8823529
Q2 Ret 7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	16	0,9411765
Q3 Aqui					1								1					2	0,1176471
Q3 Ret 1				1		1	1		1			1	1	1		1	1	9	0,5294118
Q3 Ret 7	1	1		1	1	1	1	1		1		1	1	1				11	0,6470588
Q4 Aqui	1	1	1		1	1	1		1		1	1		1	1		1	12	0,7058824
Q4 Ret 1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	16	0,9411765
Q4 Ret 7	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			13	0,7647059
Q5 Aqui	1	1		1		1	1	1	1		1	1	1	1		1	1	12	0,7058824
Q5 Ret 1	1	1		1	1	1	1		1	1	1		1			1	1	12	0,7058824
Q5 Ret 7	1	1		1	1		1	1			1	1		1	1		1	11	0,6470588
Q6 Aqui			1		1			1							1	1	1	6	0,3529412
Q6 Ret 1						1	1			1		1	1				1	6	0,3529412
Q6 Ret 7			1	1		1	1	1	1			1		1	1	1	1	11	0,6470588
Q7 Aqui	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	15	0,8823529
Q7 Ret 1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	17	1
Q7 Ret 7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	17	1
Q8 Aqui		1	1	1	1	1		1	1	1	1	1				1	1	12	0,7058824
Q8 Ret 1		1	1		1	1	1	1	1	1		1	1	1		1	1	12	0,7058824
Q8 Ret 7		1	1		1	1	1	1	1	1	1			1	1	1	1	13	0,7647059
Q9 Aqui	1				1	1		1			1	1	1	1	1	1	1	11	0,6470588
Q9 Ret 1	1			1		1		1	1	1	1		1	1	1		1	11	0,6470588
Q9 Ret 7	1			1		1		1		1	1	1	1	1	1			10	0,5882353
Q10 Aqui		1	1	1				1	1			1	1	1			1	9	0,5294118
Q10 Ret 1		1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1		1	14	0,8235294
Q10 Ret 7		1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	14	0,8235294

Total

				Total
Q1 Aqui		15,00	0,88	0
Q1 Ret 1		15,00	0,88	0
Q1 Ret 7		16,00	0,94	0
Q2 Aqui		15,00	0,88	0
Q2 Ret 1		14,00	0,82	0
Q2 Ret 7		15,00	0,88	0
Q3 Aqui		11,00	0,65	0
Q3 Ret 1		13,00	0,76	0
Q3 Ret 7		14,00	0,82	0
Q4 Aqui		12,00	0,71	0
Q4 Ret 1		14,00	0,82	0
Q4 Ret7		15,00	0,88	0
Q5 Aqui		15,00	0,88	0
Q5 Ret 1		16,00	0,94	0
Q5 Ret 7		17,00	1,00	0
Q6 Aqui		14,00	0,82	0
Q6 Ret 1		16,00	0,94	0
Q6 Ret 7		17,00	1,00	0
Q7 Aqui		15,00	0,88	0
Q7 Ret 1		16,00	0,94	0
Q7 Ret 7		17,00	1,00	0
Q8 Aqui		15,00	0,88	0
Q8 Ret 1		16,00	0,94	0
Q8 Ret 7		17,00	1,00	0
Q9 Aqui		13,00	0,76	0
Q9 Ret 1		9,00	0,53	0
Q9 Ret 7		9,00	0,53	0
Q10 Aqui		14,00	0,82	0
Q10 Ret 1		13,00	0,76	0
Q10 Ret 7		16,00	0,94	0

